

atlas
de **RELACÕES**
INTERNACIONAIS

N.º 30

O MUNDO ÁRABE

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Arabismo e Islamismo. 2 — Aspectos Geográficos. 3 — Zona
Econômico-Estratégica. 2

REPÚBLICA DO HAITI

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geoeconômicos. 2 — Formação Histórica. 18

CADERNO ESPECIAL
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
ANO 36 — N.º 2

O mundo árabe

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBGE

1 — Arabismo e Islamismo

O espaço que o *mundo islâmico* ou *muçulmano* ocupa, no meio dos três continentes do chamado mundo antigo, leva-nos a considerá-lo como um *continente intermediário*. Assim, o mundo islâmico separa as regiões intertropicais e o ocidente temperado; todas as comunicações diretas entre a África Negra e o Extremo Oriente passam por países muçulmanos. A Segunda Guerra Mundial demonstrou a *importância geopolítica desse espaço*, já que foi através dele que passou parte do abastecimento para o *front* soviético, sendo nele também travadas batalhas decisivas, como a de El Alamein.

Na realidade, *o mundo islâmico é bem mais extenso que o mundo árabe*, pois se estende desde o oceano Atlântico através da África do Norte, passa pelo Oriente Médio, atingindo o próprio coração da Ásia. Alonga-se, assim, em cerca de 3.000 km de oeste para leste e por outro eixo, na direção nordeste, de 10.000 km, cobrindo uma superfície equivalente a de todo o continente africano (30.401.326 km²).

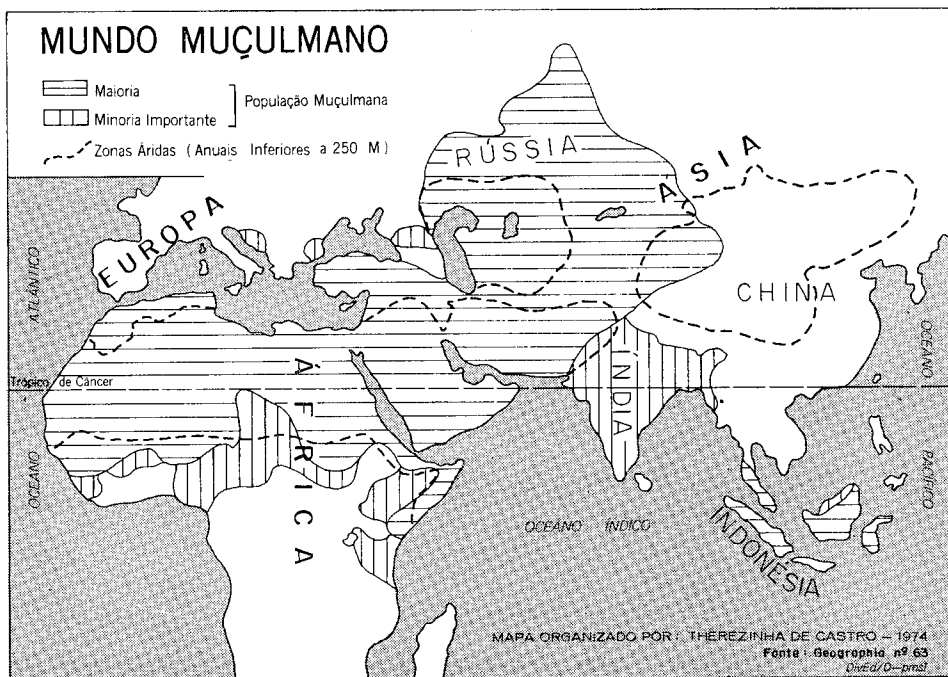
Apresenta o mundo islâmico *certa unidade geográfica*, envolvendo-se numa zona seca que recebe precipitações irregulares; a *zona árida* tornou-se, assim, o verdadeiro *domínio da civilização muçulmana*. Este domínio envolve *todas as variedades de desertos e estepes*: os desertos quentes do Sahara e Arábia, os mais atenuados, porém, com invernos rigorosos que no Iran se estendem pela Rússia; as estepes mediterrâneas da África do Norte e Oriente Médio, as sudanesas e as temperadas da Ásia Soviética.

Embora etnicamente o *islamismo religioso que caracteriza o mundo árabe* seja malaio e indu, visto que o seu centro de gravitação se encontra entre a Indonésia e a Índia, o *imperialismo islâmico* teve suas origens no Estado Teocrático fundado por *Maomé*, em Medina, na Península Arábica, no ano de 622.

Após a unificação da Arábia, conseguiu o Islamismo conquistar o mais vasto espaço geográfico para, em meados do século VIII, dividir-se. A parte ocidental ficava constituída pelo Califado de Córdoba com centro na Espanha, enquanto a oriental passava a girar na órbita egípcia. No século XV findava-se o islamismo na Península Ibérica, enquanto a outra parte caía sob o jugo otomano-turco.

O vasto *Império Otomano* englobava os Balcans, Oriente Médio, Egito e África do Norte. Seu governo central, estabelecido na Turquia, era teoricamente absolutista, pois não gozava de grande autoridade nas chamadas províncias, onde os pachás ou governadores, apoiados nas guarnições militares dos janizaros, exploravam, em seu proveito, as populações. Era, por isso, um império bastante débil, pois as populações cristãs dos Balcans submetidas aos turcos conservavam a sua religião ortodoxa, suas línguas e tradições. A conquista territorial feita pelos turcos não havia realizado o principal que era a fusão entre cristãos vencidos e muçulmanos vencedores; os cristãos tinham apenas que pagar pesados tributos e obedecer às ordens dadas pelos turcos. Os ódios de raça e religião levariam esses povos a se revoltarem no século XIX, procurando libertar-se do jugo muçulmano-otomano.

Estado multinacional, eram, no entanto, os *árabes* que dominavam mais amplamente o Império Otomano. No entanto, em meados do século XIX o *despertar nacional árabe* não seria levado a efeito pelo grupo islâmico, mas, curiosamente, pelos convertidos ao cristianismo. Coube, pois, ao libanês cristão Ibrahim el Yazidji (1868) lançar a primeira expressão clara da idéia nacional para, logo em seguida, formarem-se em Beirut e Damasco as Ligas Secretas; baseavam-se estas não na religião, mas na *comunhão linguística*, como fundamento mais sólido para a formação de uma *Confederação de Estados Árabes*, sem nenhum dever de obediência ao poder muçulmano-otomano. Era este o inciar de uma corrente de idéias que preparariam a chamada *Liga da Pátria Árabe* e a conseqüente publicação do *Manifesto de 1905* que reivindicava a independência.



Começam, porém, a surgir *dificuldades relacionadas com o fator religioso*, uma vez que a maioria dos promotores do movimento nacionalista árabe passou a integrar em seus programas a *regeneração do islamismo*, censurando os turcos de interpretarem mal o Corão. Como dentro do islamismo haviam surgido diferentes seitas, o *fator religioso anulava o nacionalismo linguístico*, constituindo-se até 1918 no poderoso freio contra a unidade no mundo árabe.

Finda a Primeira Guerra Mundial, com o *desmembramento do Império Otomano em zonas de influência*, entregues pela Liga das Nações a países europeus, notadamente a França e Inglaterra, os árabes voltar-se-iam contra estes. Mas, mesmo assim, a unidade era impossível, tendo em vista a civilização islâmica se encontrar, no Oriente Médio, formada por três grupos distintos: os *árabes, os persas e os turcos*.

Em meio a esses grupos destacou-se Mustafá Kemal; vendo que a Turquia só conseguira salvar seus territórios orientais, transformou essa região num Estado Independente. Apelou, sobretudo, para a criação desse *Estado Turco*, para o sentimento nacional, para o poderio que haviam tido no passado, avantajando esses fatores ao da solidariedade religiosa. Adotando a forma republicana de governo, Mustafá Kemal (que depois de 1934 passou a chamar-se Kemal Ataturk) era no-

meado presidente. Entre as medidas ocidentalizantes de seu governo destacaram-se: a separação da religião do Estado, a abolição de Tribunais Religiosos, a adoção da monogamia, do calendário, horas e algarismos internacionais, a reforma do idioma turco, a supressão do ensino do árabe e do persa, a adoção do posto de general em substituição ao título de pachá, etc. Ao lado da ocidentalização, com o fito de manter o povo coeso, o "turquismo" confirmava a "personalidade da nação turca", mostrando que o Império Otomano fora a "verdadeira imagem" do novo país que surgira, mas que se constituíra "num episódio passageiro", embora devesse tornar o povo turco "mais orgulhoso de si mesmo, pois era o herdeiro de uma grande civilização". As palavras entre aspas eram as empregadas no *Manual de História Geral*, publicado em maio de 1932, e adotado em todo o país.

Por outro lado, os *persas* também herdeiros de uma grande civilização que ficara reduzida a uma área planáltina cercada por cadeias de montanhas, manteriam sua coesão nacional baseada na língua persa e religião islâmica da seita shiíta.

O islamismo que se dividira para formar politicamente dois países — a Turquia e a Pérsia (atual Iran), embora não árabes, conservava certo sentimento de solidariedade entre si, e com o terceiro povo, o árabe, que não

se unira, estabelecendo uma barreira contra o predomínio europeu: assim, a religião de Maomé, embora subdivida em seitas, pôde se manter no Oriente Médio e Norte da África. Nessa área os árabes, embora venham tentando até nossos dias formar um único país, não o conseguiram a despeito da identidade de língua e religião; o divisionismo, ao contrário do que aconteceu com os turcos e persas, foi a tônica entre os árabes, no momento em que conseguiam suas respectivas independências após a Segunda Guerra Mundial.

Nessa época, permitiram os ocidentais que se estabelecesse na Palestina, o *Estado de Israel* (1948), povoado por refugiados judeus que por vários séculos estavam dispersados pelas mais diversas partes do mundo. Assim, este pequeno país-enclave ficaria isolado no meio de uma multidão de inimigos representados pelos países árabes, que não o aceitando como uma realidade política o vêem atacando. Em nome do *Pan-Arabismo*, a *Liga Árabe* se une para alimentar no Oriente Médio guerras e incidentes contra Israel.

O *mundo islâmico* engloba hoje diversos grupos étnicos: os indus, os maldiões, os turcos, os iranianos e os árabes; além de grupos menores, como os nabateus ou caldeus do Iraque, os arameus ou sirios da Síria e Líbano, os coptas e felahs do vale do Nilo e os bérberes cujas comunidades se estendem pelo norte da África, desde a Líbia ao Marrocos. Assim, do *mundo árabe* propriamente dito, são excluídas partes do mundo islâmico como a Índia, a Malásia, a Indonésia, Chipre a Turquia e o Iran que guardaram suas respectivas características linguísticas e culturais, não os levando a serem considerados como povos verdadeiramente arabizados. Por outro lado, bastante dividido politicamente, o *mundo árabe é mais arabizado do que propriamente árabe*.

O mundo árabe se estende do *Oriente Médio ao Norte da África* envolvendo um conjunto heterogêneo de repúblicas, sultanatos, emiratos, protetorados e zonas neutras. Os hábitos e costumes diferem de região para região: a *língua escrita* é a mesma, embora a *língua falada* apresente termos específicos regionais. O *Corão e Maomé*, o *Profeta*, são comuns no mundo árabe, embora o islamismo se apresente dividido em várias seitas. Assim, o *termo mundo árabe*, hoje tema da liderança egípcia, foi lançado por *Shakib Arslan*, um sírio da seita drusa.

O mundo árabe não conseguiu eliminar suas barreiras alfandegárias e a Liga Árabe encontra-se bastante divi-

da, principalmente após o Pacto de Bagdad (1955), só chegando a algum entendimento quando se trata de combater o Estado de Israel.

O mundo árabe já começou dividido com as diversas tribos nômades, e o seu isolamento alimentado pelos desertos só terminou quando o povo se encontrou nas margens do Mediterrâneo. No momento em que o isolamento terminava, surgiam duas facções: a dos *levantinos*, atraídos pelo Mediterrâneo e a dos *defensores da fé*, voltados para o deserto. Foi, pois, no âmbito geográfico dos defensores da fé que o petróleo jorraria; com o "ouro negro" a ortodoxia ferrenha começou a se diluir, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial.

2 — Aspectos Geográficos

A) Oriente Médio

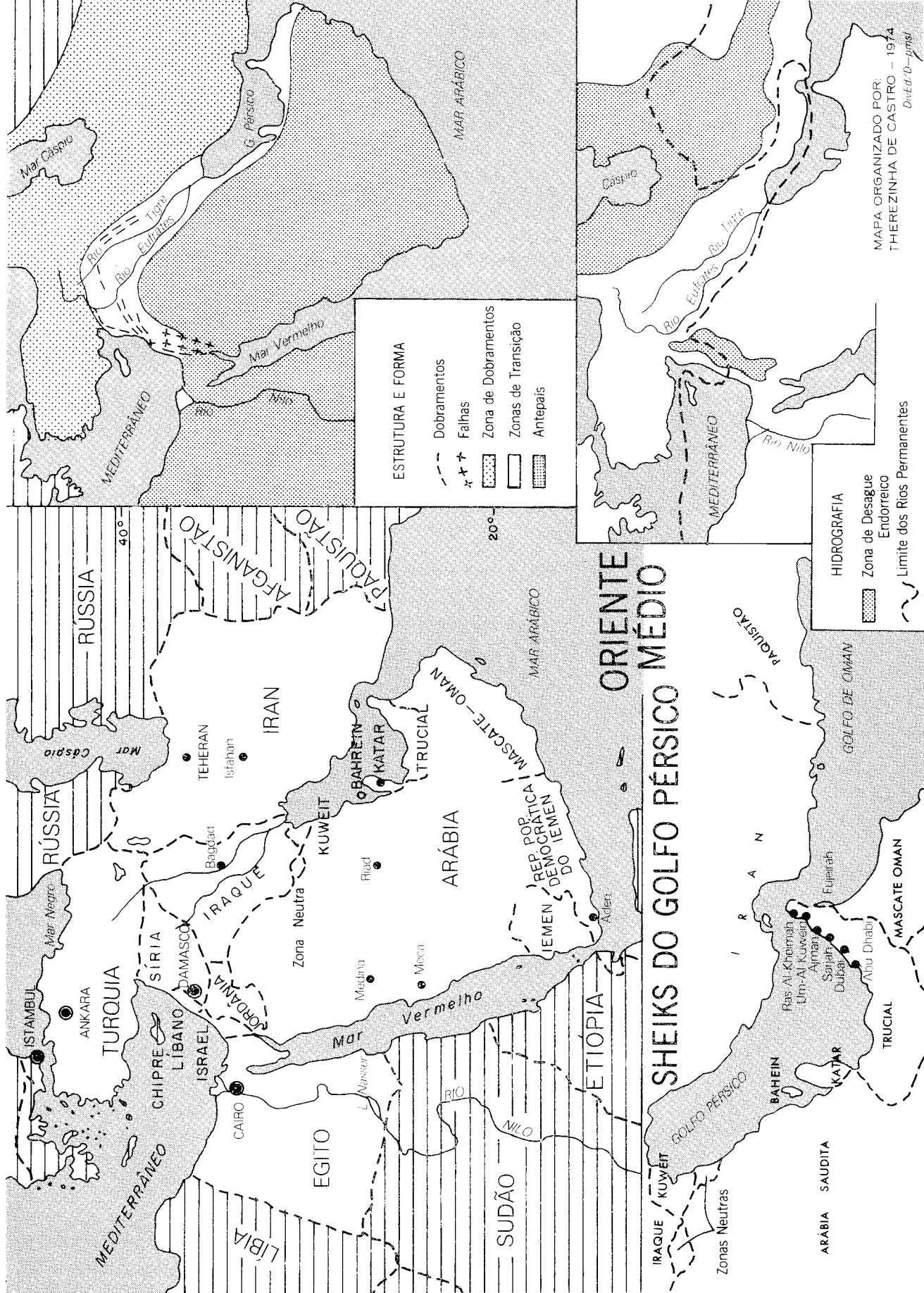
Encruzilhada de três continentes, alguns geógrafos dão ao Oriente Médio o nome de *Eurasiáfrica*. Essa posição valeu-lhe, desde passado remoto, uma característica de *campo de batalha*; entre o norte e sul (hititas e egípcios), e entre o leste e oeste (gregos, macedônios e persas); como *zona de contacto*, celebrou-se durante a Idade Média pelo comércio oriente-ocidente, entre árabes e povos mediterrâneos (genoveses e venezianos), que os turcos otomanos ao se apossarem de Constantinopla puseram um fim.

Em três fases distintas tentou-se a integração política do Oriente Médio: o Império de Alexandre (Macedônia), o Romano e o Turco Otomano. Com exceção deste último, os dois primeiros tinham como objetivo fundamental, ao ocupar esse espaço geográfico, *estabelecer uma linha de soldadura entre o Oriente e o Ocidente*.

Se considerarmos, na realidade, o Oriente Médio como uma Eurasiáfrica, seus limites se estendem pelo Norte da África, abrangem a Ásia e a Turquia que por sua vez se aproxima da Europa, embora unida intimamente, pela geografia, a seus vizinhos asiáticos. Essa região é montanhosa ou desértica e só se considera cultivável 5% de sua área total; assim, seus *terrenos áridos* se apresentam com *afloramentos de estratos rochosos*.

O Oriente Médio envolve duas unidades estruturais separadas por uma zona de transição: o antepaís e a zona de dobramentos.

O *antepaís*, incluindo a península Arábica e o Egito (este já na África), apresenta como característica funda-



ESTRUTURA E FORMA

- - - Dobramentos
- x + + Falhas
- ▨ Zona de Dobramentos
- ▨ Zona de Transição
- ▨ Antepais

HIDROGRAFIA

- ▨ Zona de Desague Endorreico
- - - Limite dos Rios Permanentes

ORIENTE MÉDIO
SHEIKS DO GOLFO PÉRSICO

MAPA ORGANIZADO POR:
THEREZINHA DE CASTRO - 1974
Div. d. D. - gmsl

mental uma base de rochas arcaicas; as transgressões marinhas afetaram-lhe as zonas marginais que apresentavam por isso maior espessura de depósitos sedimentares em relacionamento com o interior da plataforma. A *zona de transição*, que compreende a Palestina, Síria, Líbano e Mesopotâmia até o golfo Pérsico, já apresenta a base arcaica coberta por sedimentos; aí, a *zona de falhas* começa dividida no mar Vermelho (golfo de Akaba), atravessando o mar Morto e o vale do Jordão; os *dobramentos* formam, por sua vez, um arco que parte de território sirio para terminar além do rio Tigre, separando os montes Zagros da planície mesopotâmica.

Por sua posição, a zona de dobramento mostra ter sido consequência de pressões originadas no interior do continente asiático, passando a se constituir na semelhança fundamental de estruturas entre o Iran e a Turquia. Por sua vez, a linha de falhas e parte da zona de dobramento assinalam a *área de desagüe endorréico*, de bacias fechadas, que vai caracterizar grande parte da hidrografia do Oriente Médio. A primeira dessas áreas se encontra na *fossa tectônica do rio Jordão*, compreendendo a *bacia salina do mar Morto*; a interrupção dessa fossa, mais ao norte, permite que o rio Litani, libanês, vá desaguar no Mediterrâneo. Essas bacias fechadas apresentam-se com áreas mais extensas no Iran, onde quase toda sua meseta interior se divide em depressões salinas.

O *rio Eufrates* que, juntamente com o *rio Tigre* formam a Mesopotâmia, marca a linha dos chamados *rios permanentes*, correspondendo em geral às *zonas de maior pluviosidade*. Observada essa linha, constitui-se em exceção o *vale do Nilo* em meio a uma zona onde os *rios temporários* secam completamente em certas estações, e em outras suas águas se elevam a um nível de 3 e até 6 metros. São os chamados *uadis* do Oriente Médio, cujas inundações são por vezes frequentes nesta zona desértica; a capa aluvional permeável que os leitos dos uadis possuem retém em pequenas extensões a preciosa água tão procurada e necessária aos nômades dos desertos, formando os *oásis naturais* com suas palmeiras em meio ao areal.

Em outras áreas semi-áridas a existência da água depende de poços e fontes que descansam sobre uma base impermeável, onde fica retida parte da chuva. As regiões menos providas valem-se das *fogaras*, denominadas *kanats* no Iran e *karez* no Iraque; são constituídas por um túnel, cuja topografia de suave declive permite trazer

até a superfície o veio d'água retido em outra área de terreno permeável. Existem fogaras na região levantina do Oriente Médio desde o período romano, sendo que hoje algumas delas apresentam-se com extensão de vários quilômetros.

Como zona de enlace entre a África e Ásia propriamente dita, o Oriente Médio se encontra entre as duas regiões mais quentes do mundo; integra-se, por outro lado, na parte do continente asiático onde se desenvolvem as mais baixas temperaturas do globo. Recebe, assim, o "sopro do deserto" que traz da África o calor intenso, e o "ar siberiano" que, vindo do norte, chega a congelar alguns rios e áreas do Oriente Médio. Não será, pois, exagero se dizer que, exceto no sul da Arábia, nenhum ponto do Oriente Médio está livre da neve, até mesmo no baixo vale do Nilo.

Excetuando-se as zonas costeiras, onde se produz a *influência marítima atenuante do clima*, nas zonas interiores há grandes oscilações de temperatura, em função do *tipo climático continental*; no interior, ao intenso calor que faz durante o dia, sucedem-se noites frescas ou mesmo frias. No vale inferior do Nilo, e até bem próximo da costa mediterrânea do deserto da Líbia, o esfriamento noturno causa, por vezes, as *geadas matinais*. Por outro lado, a *excessiva umidade* de certas zonas do golfo Pérsico ao mar Vermelho e Mediterrâneo, aliada a *alta temperatura*, tornam bem desfavoráveis as condições de vida no verão. No interior, onde a *umidade é baixa* formam-se geralmente *brumas e nevasdas* nos vales e comarcas áridas; nas bacias salinas e zonas desérticas do Iran, cai a neve no período do inverno.

A configuração física exerce também sua influência na *distribuição das chuvas*, muito embora, no seu conjunto, o Oriente Médio se apresente dentro do marcante *tipo mediterrâneo*. Assim, as isoietas tendem a seguir as regiões mais acidentadas, onde apresentam chuvas mais abundantes; os dobramentos, que na zona de transição fazem uma curva nos altos cursos dos rios Tigre e Eufrates, dão início às *terras estépicas* que, na antiguidade, uniam o leste ao oeste numa faixa denominada "Crescente Fértil". Palmira, em pleno deserto da Síria, podia alimentar seus banhos graças à chuvas que se formavam no Anti-Líbano; as terras altas e úmidas da Judéia eram conhecidas como o "país do leite e do mel"; Cedar do Líbano a 2.000 metros de altitude, é uma das regiões mais úmidas do Oriente Médio.

Como as estepes são hoje regiões de *pastoreio nômade*, a economia se desenvolve em margens muito limitadas. Quando as chuvas se apresentam prolongadas, os rebanhos prosperam; quando os anos que se seguem são de chuvas insuficientes, provocam movimentos migratórios e até invasões de terras vizinhas, sobretudo nas zonas centrais da Síria e Iraque, onde a vegetação herbácea mostra uma maior adaptação à seca.

São bastantes irregulares, as precipitações no Oriente Médio. Vastas áreas do Egito e Arábia Saudita passam, as vezes, anos inteiros sem nenhuma chuva; por outro lado, caem fortes chuvas estivais sobre as mesetas do Yemen e na região de Damasco que, em 1945, recebeu, numa só manhã, 10 cm de chuvas, quando sua média anual é de 25 cm.

Para o norte, os limites das chuvas abundantes determinam a existência de *bosques*, notadamente de *cedro*, árvores de grande porte e crescimento lento; 1/8 do território turco encontra-se enquadrado em zona florestal. Nas partes mais elevadas, que se assemelham às zonas de dobramento da Europa Central, destacam-se os *pastos tipicamente alpinos*; encontra-se nesse caso a cordilheira do Elbruz, no Iran.

Os papiros, lótus e plantas aquáticas se desenvolvem nos deltas e cursos inferiores do Tigre e Eufrates, bem como ao longo do Nilo, sendo a *tamareira* a planta de cultivo racional nessas áreas.

A vegetação mediterrânea, limitada às partes úmidas da costa da Palestina, Líbano, Síria e Turquia foi substituída pela agricultura do *trigo*, *oliveira*, *videira* e *árvores frutíferas*. A *agricultura de irrigação* das áreas secas funciona à base de canais, poços ou fogaças; exigem cuidados para evitar contactos com o capeamento salino, além do delicado problema ecológico das pragas e insetos. No Iraque, por exemplo, a cultura de irrigação aumentou consideravelmente a incidência do impaludismo entre Bassora e Bagdad. O que vem acontecendo também na zona da barragem de Assuan, onde se formou o artificial lago Nasser, muito embora, em vez de contarem os agricultores com apenas uma inundação anual, têm-na agora permanentemente, para as suas colheitas de *arroz*, *algodão* e *cereais*, enquanto a central hidroelétrica de Saad-el-Aali vem alimentando 64% da indústria local.

Nas bordas das zonas desérticas vicejam mais de 2.000 espécies de vegetais, em sua maioria autóctones; são plantas que completam o seu ciclo de

desenvolvimento em poucas semanas, após o término das chuvas de inverno; nas zonas secas propriamente ditas, as plantas se adaptam à falta de chuvas e salinidade; destaca-se, além da *tamareira*, um arbusto denominado "espinha de camelos", exalando uma seiva viscosa, que quando em contacto com o ar forma o chamado "maná bíblico".

O *Sahara* é o maior deserto do mundo com seus 8.000.000 km², quase a área do Brasil, envolvendo o Norte da África e se ramificando para o Oriente Médio. Estende-se do *Atlântico*, que é a sua borda ocidental, ao *mar Vermelho* no oriente; prolonga-se através da *península do Sinai* e *deserto rochoso do Neguev*, alcançando a *península Arábica*, ocupando-a quase que totalmente; no entanto, do outro lado do mar Vermelho já toma o nome de *deserto Arábico* ou *Dedjed*, sendo bem árido e mais rochoso, transformando-se, na Jordânia, num verdadeiro "mar de pedras".

Foi justamente essa vasta área desértica que deu origem ao *desenvolvimento das sociedades nômades* que, do Oriente Médio, se estenderam pelo Norte da África. Vivendo no nomadismo, a unidade dos *beduínos* eram as *tribos isoladas*, formando cada qual um grupo coeso, com base nos laços familiares, dentro da solidariedade e disciplina que lhes permitiu sobreviver no deserto.

Habitando *tendas* facilmente desarmáveis, sob o comando de um líder — o *sheik* —, para suprir as deficiências de uma vida muito dura, de privações mesmo, incluíram em suas atividades, além da *pecuária*, também as *razzias*; são elas, ataques de surpresa e muito rápidos, sempre que possível evitando derramamento de sangue, para tomar à força das populações sedentárias, o que lhes falta para a sobrevivência. Conta-se que o rei Ibne-Saud conquistou o poder na Arábia porque antes, vivendo como nômade no deserto, mostrou sempre destreza e coragem nas *razzias* que realizava para salvar sua tribo da fome. A fim de evitar as *razzias*, alguns camponeses preferem o pagamento permanente de um tributo aos beduínos; trata-se da *jaua* ou tributo de amizade, que consiste na entrega de certa quantidade de gêneros alimentícios a uma tribo de beduínos, em épocas de carência.

As *tendas* dos beduínos, em geral negras, feitas de pele de cabra ou camelo, variam de tamanho, demonstrando a opulência de seu dono pelo número de estacas. Sua abertura é colocada na direção contrária ao vento, e

ai se acende o fogo no qual se faz o café, preparado sempre pelos homens, ficando o preparo dos demais alimentos a cargo das mulheres. Estas dormem no lado esquerdo da tenda, cabendo a direita aos homens. A alimentação básica se constitui do leite e seus derivados, sendo muito apreciado o *labné*, espécie de queijo; além do arroz e outros produtos que obtém por troca, nas *razzias* ou *jauas*, alimentam-se de frutas secas, sendo preferida à tâmara. Só comem carne de seus animais domésticos que perecem por morte natural; como seus rebanhos se constituem no capital fixo da tribo, a carne é luxo para o beduíno, que só sacrifica algum animal em época de festa.

O *camelo* foi, na realidade, o animal que auxiliou o árabe a conquistar o Norte da África; animal ruminante, fecha as narinas quando há vendaval de areia, mastiga plantas espinhentas e salgadas, e suas patas não se machucam nas pedras. Sua domesticação se iniciou na região da Bactriana (Ásia Central) ainda nos tempos pré-históricos.

Os beduínos são profundamente supersticiosos e sua fé religiosa é intensa. O progresso tem modificado algumas de suas tradições; o petróleo foi, sem dúvida alguma, a causa da transformação, daí J. C. Crowfoot haver escrito que, em 1946, os árabes já praticam "razzias uns contra os outros utilizando Fords e Chevrolets".

Considerados como povos não civilizados, os beduínos adquirem temporariamente a nacionalidade do país, na época em que lá se encontram. No Sahara e na Arábia se pratica o *nomadismo no sentido horizontal*; já os *kurdos* dos Zagros, no Iran, embora se desloquem de um ponto para o outro, o fazem no *sentido vertical*, daí não serem considerados nômades propriamente ditos, mas sim *transumantes*. No Oriente Médio, enquanto o antepais se constitui na sede do nomadismo pastoral, a zona de transição é a que oferece as mais amplas oportunidades para a agricultura.

Foram os beduínos que com suas *caravanas*, nômades comerciantes, portanto, os que mais contribuíram para o *crescimento das cidades* no Oriente Médio e Norte da África. Favorecidas pelas *atividades comerciais*, as cidades, ao lado dos fatores tradição de *governo e força*, apresentam também forte *traço religioso*; encontram-se, pois, no Oriente Médio, as cidades-santas de *Meca e Jerusalém*.

Os habitantes dos centros urbanos se diferenciam por suas seitas religiosas, muito mais do que pela classe social que ocupam; vivem em distintos quar-

teirões denominados *haras*, com vida quase que semi-independente uns dos outros, protegidos por portões defensivos, cada qual com o seu *seyh*, que exerce funções administrativas e policiais. Em *Istambul, Cairo, Damasco, Bagdad e Jerusalém*, além das *haras* de judeus encontramos as de diferentes grupos cristãos e muçulmanos.

Outra característica das cidades do Oriente Médio são os *sugs*, quarteirões onde se concentra a atividade artesanal, vivendo à semelhança do corporativismo medieval das guildas; os *sugs* se agrupam em torno do núcleo central das cidades, onde em geral domina o minarete da mesquita principal. Integram ainda as cidades, os *khans*, centros comerciais, de lojas muitas vezes luxuosas, e os *hammans*, espécie de zonas sociais concentrando os cafés e os famosos banhos públicos, onde os amigos se encontram.

Os progressos sociais e econômicos vêm, no entanto, atingindo bastante as zonas urbanas, bem mais que as rurais. Muitas cidades do Oriente Médio se industrializam, transformando suas feições passadistas através de modernos apartamentos e casas com arabescos decorativos, porém em estilo arquitetônico ocidental, em quarteirões novos que surgem. Encontram-se, neste caso, além das várias capitais dos países árabes, principalmente *Teheran, Bagdad e Cairo*, que são os centros mais populosos do mundo islâmico-árabe.

De um modo geral, a população do *Oriente Médio* é ainda mais rural do que urbana. No meio rural destaca-se, além do beduíno, também o *felah*, pequeno agricultor, habitando aldeias esparsas desde as férteis montanhas do Marrocos no Norte da África até a Mesopotâmia no Oriente Médio; formam os felahs a maior parte da população no mundo árabe.

Habitam as chamadas *dar*, casas de adobe com paredes caiadas de branco; bastante rústica, a *dar* é formada por pequenos compartimentos que dão para um pátio central, onde fica o forno de assar o pão, e local onde a família se reúne. À semelhança dos beduínos, os membros de uma aldeia felah também se consideram parentes, escolhendo entre eles um chefe que habita o *dawar*, casa mais confortável, muitas das quais hoje, além do telefone, possuem luz e água encanada.

Em verdadeira procissão, seguem os felahs para os campos onde *cultivam a oliveira, o algodão, o milho e o feijão*; para transportar a água de um canal de irrigação até a sua lavoura, valem-se de uma espécie de bomba, formada

por um tubo, através do qual o líquido passa, quando em seu interior se faz girar um cilindro em forma de parafuso.

A terra em geral é fértil, irrigada também com a água da chuva armazenada em grandes cisternas, no entanto, quase toda a produção do felah tem que ser vendida; daí, sua alimentação se basear numa espécie de pão feito com farinha de milho.

O Corão é o livro das crianças do campo que aprendem a ler no *kutab*, escola que em geral funciona na mesquita da aldeia. Tem o felah uma existência de povo subdesenvolvido, pois no mundo árabe a lavoura não lhe traz as mesmas compensações do petróleo, que é a principal riqueza do mundo árabe-muçulmano.

B) África do Norte

Enquanto o Oriente Médio se constitui na encruzilhada de três continentes, a África do Norte é, em grande parte, *uma continuação do continente europeu*. Nestas condições, é costume se dizer que a África começa nos Pirineus e a Europa termina onde começa o Sahara.

No ângulo saliente que a África forma entre o Atlântico, Mediterrâneo e o Sahara encontra-se, envolvendo a Tunísia, o Marrocos e a Argélia, a chamada *Dje-zira-el Maghrib* ou "ilha ocidental" dos árabes, cujo nome traduzimos por *Maghreb*, sendo também conhecido por *Berbéria*. A unidade física desta região se liga à existência da série montanhosa denominada *Atlas*, alternada por zonas tabulares.

Essa alternância faz com que, geograficamente, o Atlas se divida em *Médio* (3.370 metros), *Alto* (4.225 metros) e *Anti-Atlas* (2.551 metros); são, na realidade, blocos limitados por linhas de fratura. Pertencendo ao mesmo sistema, seguindo paralelo ao Mediterrâneo, o *Rif* ou *Pequeno Atlas* (1.800 metros) continua através do *Tell* (1.600 metros) que se estende na faixa litorânea, desde o estreito de Gibraltar até a altura da cidade de Cartago. O Rif forma um arco montanhoso que se prolonga através do estreito de Gibraltar pelo Sistema Penibético, na Espanha*; encontra-se, por sua vez, isolado do Atlas e Tell pelos vales do *Muluia* e *Sebu*.

Por sua direção leste-oeste, no sentido longitudinal, o protegido litoral além do Rif e Tell foi *a rota escolhida pelos conquistadores* fenícios, roma-

nos, árabes e, mais recentemente, europeus.

Considerado como a margem meridional do mundo mediterrâneo, deve o Norte da África, aos *fenícios*, a sua primeira exploração sistemática costeira; aí, por volta do ano 1.000 a.C. começou esse povo a se estabelecer, fundando posteriormente Cartago, que dominou toda a costa, desde Tripoli até Tânger. Nessa época a *influência cultural grega* se fazia sentir, em especial, no vale inferior do Nilo, onde havia sido fundada Naucratis.

Com a destruição hegemônica de Cartago, surgia a *Província Africana do Império Romano* (145 a.C.), incorporando todo o litoral do Mediterrâneo, no momento em que o camelo era introduzido na região, via Egito. Conclui-se, então, que o termo *África*, que passou a ser mais largamente empregado, tenha se derivado de *África*, topônimo de *uma comunidade bérbere* existente ao sul de Cartago.

Antes, pois, da expansão semítica árabe, os camitas bérberes predominavam por todo o Sahara e litoral africano do norte; apresentavam os bérberes uma unidade étnica que sofreria transformações ao contactar com os *invasores árabes* (século VII) e *conquistadores europeus*, tendo estes como pioneiros os *portugueses*, ao tomarem *Ceuta* (século XIV).

O bérbere é o tipo mais comum encontrado ainda hoje nas cordilheiras do Atlas e zona fértil do Tell; contrastando com o *árabe pastor nômade*, são os *bérberes*, de um modo geral, *agricultores sedentários*. Têm por base político-social um grande número de comunidades aldeãs autônomas e democráticas, agrupando certo número de tribos ou *taqbilt*. Unidas por verdadeiro laço de sangue, adotam a *corveia coletiva* ou *tuiza* para a reparação de um canal de irrigação, construção de uma casa, etc. O governo da aldeia é dirigido por uma espécie de parlamento, composto por elementos masculinos adultos, que se denomina *jemmaa*; o chefe ou *amin*, nomeado pela *jemmaa* detém o poder executivo.

As condições de vida social divergem; por exemplo, entre os *tuaregues* a mulher é mais instruída que o homem, ocupando posição elevada no grupo, cujas famílias se organizam sob *sistema do matriarcado*, já que a sucessão política dos chefes se transmite por linha materna. No Atlas Médio, já a mulher ocupa posição inferior no grupo.

Enquanto no Marrocos, Argélia e Tunísia predominam os bérberes que, a partir da Líbia, diminuem em número, cedendo lugar aos grupos árabes, as-

* Vide *Atlas de Relações Internacionais* n.º 28 — "A Espanha Geo-histórica".

sim, de oeste para leste, no Norte da África a base da civilização se transforma de camita em semita.

Os árabes são, de um modo geral, *camelheiros*, isto é, os verdadeiros nômades do Norte da África; no grupo árabe destacam-se, ainda, os seminômades *pastores*, ocupando as regiões mais regadas; encontrando-se, também, os que se dedicam à *agricultura*, estabelecidos nos oásis e vale do Nilo.

Em virtude dos diversos dialetos bérberes se assemelharem à língua árabe, com a *arabização da África do Norte*, através dos séculos e a consequente implantação da religião muçulmana, torna-se hoje quase que impossível distinguir o árabe do bérbere por critérios de antropologia física, uma vez que os caracteres raciais fundamentais são os mesmos em ambos os grupos. Assim, na atualidade só se pode, de um modo geral, precisar a *transição da vida sedentária para o nômade* no Norte da África, através da linha do Tell que passa a formar a estepe.

O árabe é, no Norte da África, a língua da religião e do comércio. A tenda do nômade árabe se difundiu gradualmente entre os bérberes, formando um círculo denominado *aduar*. No entanto, entre os bérberes, a habitação mais comum é ainda o *gurbi*, espécie de choça, cercada em conjunto por um muro de terra seca ou espinhos, para se protegerem contra os animais de rapina. Além dessa choça retangular construída com barro seco ou argila, nota-se, também, a existência da *kasba*, moradia acastelada do chefe, verdadeira fortaleza nas montanhas.

As *principais cidades* da África do Norte são, em geral, litorâneas; possuindo quase todas uma série de quarteirões onde o *mellah*, reservado aos judeus, forma elemento importante na vida urbana; são sempre providas de uma mesquita, no centro da urbe, onde se situa também a kasba, residência fortificada do governo. Várias dessas cidades possuem hoje um *setor europeu adjunto*, situado a certa distância do mellah, ou da própria *medina*, que é o centro bérbere-árabe, e do *zoco* que é o mercado. O zoco tem, em geral, o formato de um corredor estreito com lojas de frente umas para as outras, cujos telhados de palha se encontram no meio da rua, como proteção contra o calor durante o dia, servindo de porta quando são baixados durante a noite.

Embora nas cidade, em função da ocupação francesa, italiana e espanhola, a população bérbere-árabe tenha adotado, em parte, os costumes europeus, não chegou, porém, a haver

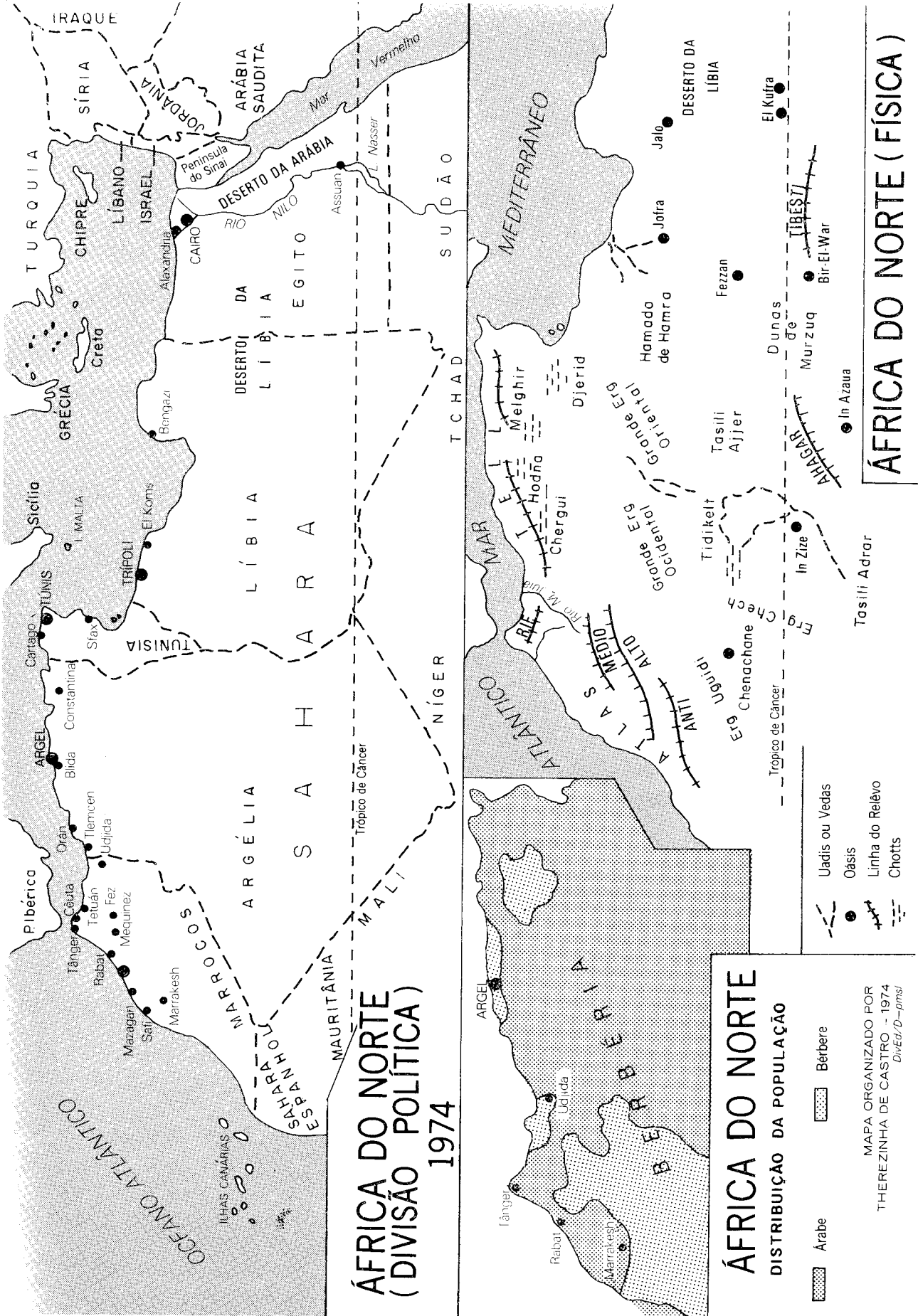
uma verdadeira fusão entre cristãos e mulçumanos, mas sim uma certa *intimidade social*; intimidade que tem crescido bastante com o *incremento do turismo*.

Além do *Cairo*, que mantém mais estreito contacto com o Oriente Médio, destacam-se *Tripoli, Tunis, Argel e Tânger*, como cidades mais movimentadas do Norte da África. No Marrocos, além dos centros interiorizados de *Fez e Marrakesh*, ganharam importância desde as grandes navegações as cidades de Ceuta, Rabat, e Tânger; nesta última, excetuando-se a kasba, o velho bairro com ruas estreitas e tortuosas, a maior parte da cidade tem aspecto europeu. Com a queda de Granada (1492), chegaram a Fez os refugiados árabes expulsos da Espanha, que desenvolveram bastante a cidade. Na realidade, Fez se constitui de três cidades numa só: a medina, que se constitui no núcleo, encerrando cerca de 300 mesquitas e numerosos colégios islâmicos; após este quarteirão, que é o mais antigo, encerrado por muralhas, estende-se a "nova Fez", que data do século XIII; além da segunda muralha surge a terceira cidade, fundada em 1916, que é a parte mais moderna com feição europeia pelos edifícios e residências luxuosas em amplas avenidas arborizadas.

A *meseta ocupada pelo Sahara*, com elevação média de 300 metros, dominando a paisagem do norte da África, constituiu-se, por muito tempo, na "terra incógnita"; a monotonia desta região é quebrada pela linha diagonal dos *terrenos montanhosos do Ahagar* (3.000 metros) e *Tibesti*, cujas altitudes chegam a pouco mais de 4.000 metros em alguns pontos.

Do conjunto do Sahara (8.000.000 km²), pouco mais de 2.600.000 km² envolvem territórios da Líbia e Egito. Neste último país o *vale do Nilo* ocupa uma antiga depressão, que foi no período cretáceo um golfo do Mediterrâneo.

As zonas acidentadas do deserto são atravessadas por abruptas gargantas, que no leste recebem o nome de *uadis* e *uedes* no oeste; foram, na época diluvial, rios caudalosos. O próprio *Mulua* é um uede, que regando a *planície do Triffa*, permite a *existência da plantação de cereais e vinhedos*; o *Sebu*, aproveitado pela irrigação, permite o desenvolvimento da *rizicultura*. Aliás nos 330 km de rodovia asfaltada que ligam as cidades de Fez e Tânger, pode ser observado um vasto campo que lembra muito o Sul da Espanha e Portugal. Daí desaparece o camelo, cedendo lugar ao burro como animal de carga; nas colinas onduladas estão as



ÁFRICA DO NORTE (DIVISÃO POLÍTICA) 1974

ÁFRICA DO NORTE (FÍSICA)

Árabe
 Bérbere
 Oásis
 Linha do Relevo
 Chotts

MAPA ORGANIZADO POR
 THEREZINHA DE CASTRO - 1974
 Div.Ed./D-pms/

plantações de trigo, oliveiras, amendoeiras, figueiras, vinhedos, limoeiros, e laranjeiras; os canais de irrigação seguem quase paralelos à estrada, em cujo trajeto são vistas granjas cujos donos, mais abastados, já se utilizam de máquinas e tratores.

Bem diferente é a paisagem do *deserto da Líbia* onde surgem depressões com paredes verticais e fundo plano, formando poços gigantescos de até 400 metros de profundidade. Formadas pela superfície de um extrato horizontal, recebem o nome árabe de *hamadas* e bérbere de *tasilis*, essas zonas completamente estéreis para a agricultura, à semelhança dos *serir*, desertos de calhaus circundados por cascalhos. O advento do petróleo na Líbia e Argélia está mudando a feição desses países em território quase todo desértico.

Ainda no deserto rochoso, constituído por pavimentação de deflação, as grandes extensões de aluviões depositadas no fundo de outras depressões pelos uadis, procedentes de zonas mais elevadas, são denominadas *regs*. Já na orla saariana, onde os cursos de água fluem com certa frequência, depositando grande quantidade de limo nas depressões, formam-se as planícies argilosas e salinas denominadas *sebkhas*, no centro das quais encontra-se um *chott* ou lago fechado, que seca de vez em quando; o Tell, que se constitui numa região de deságüe endorréico, encontram-se vários *chotts* ou lagos salgados, entre os quais o *Hodna*, o *Melghir* e o *Djerid*. A presença da água no deserto determina a existência do *oásis*, onde a vegetação formada por palmeiras contrasta vivamente com a desolação do areal que o circunda. Nesse areal, cuja monotonia é quebrada também pelas *dunas*, montanhas de areia formadas pelo vento e que no oeste recebem o nome de *ergs* ou *aregs*.

Hoje, nem mesmo essa zona desértica no norte da África, à semelhança do que se passa no Oriente Médio, conseguiu fugir da técnica moderna; com a exploração e exploração do petróleo vem ela sendo conquistada palmo a palmo.

3 — Zona Econômico-Estratégica

Cruzamento das vias de circulação terrestre entre dois mares, *as regiões ístmicas e os estreitos que envolvem o mundo árabe-islâmico têm grande valor geopolítico*. Assim, a importância das vias de passagem entre o *golfo Pérsico e o Mediterrâneo*, diminuíram

com a construção do *canal de Suez*, que se tornou a principal ponte de acesso dos europeus para a Ásia Meridional; posteriormente, a despeito do canal, tomaria novo impulso a zona de passagem do golfo Pérsico-Mediterrâneo, quando a exploração do petróleo tornou necessário o estabelecimento de oleodutos. Completando o quadro geopolítico, apresentam-se como zonas importantes *as bacias do Nilo, Tigre-Eufrates e Indus*, onde se instalaram as aglomerações humanas do mundo islâmico, seguindo os passos das mais antigas civilizações do mundo. Nessas regiões econômico-estratégicas se defrontaram no século XIX *os interesses franco-britânicos e hoje russo-estadunidenses*.

Em face dos interesses estadunidenses em deter a hegemonia russa no Mediterrâneo, a *Turquia*, detentora dos *estreitos de Dardanelos e Bósforo* se constitui numa importante peça da OTAN. Aliás, desde o século XVIII, quando a Rússia atingiu a parte setentrional do mar Negro, os estreitos de Dardanelos e Bósforo passaram a ter importância geoestratégica. Nessa época, valer-se-iam as potências da desunião reinante no Império Otomano para exercerem ou barrarem influência na área.

A *Rússia*, desejando o desmembramento do Império Otomano, para por a mão sobre os estreitos que lhe dariam livre passagem para o Mediterrâneo, procurava auxiliar os cristãos revoltosos contra os turcos muçulmanos. A *Austria*, que desejava para si a embocadura do Danúbio, não via com bons olhos a influência russa na região. *França e Inglaterra* praticavam dupla política, ora favorável aos cristãos, ora aos turcos. A França, defensora da política das nacionalidades, sustentou cristãos contra os turcos, por interesse político, a fim de impedir a grandeza da Rússia e a sua chegada ao Mediterrâneo, defendeu os turcos contra os russos. A Inglaterra tudo fez para anular a influência russa e sua conseqüente chegada ao Mediterrâneo, pois isto ameaçaria a sua rota para as Índias.

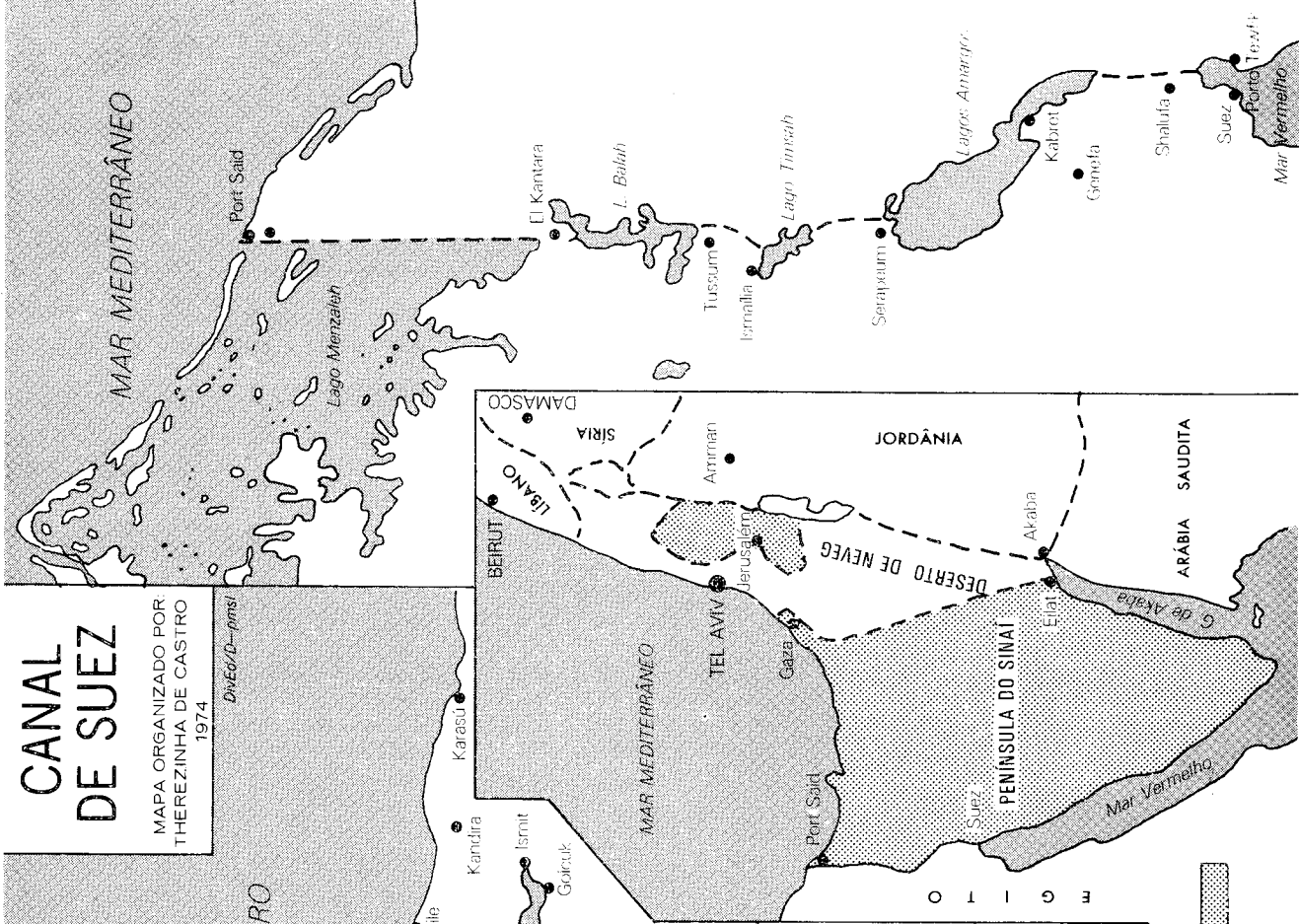
Assim, no âmbito do mundo árabe-islâmico, *os interesses econômicos estão e estiveram sempre ligados aos estratégicos*. Dai o geopolítico inglês Halford Mackinder ter escrito em 1900: "é para manter nossa posição no mundo que somos os grandes financiadores, que somos levados a aumentar o nosso Império". ("The Great Trade Routes" — *Journal of the Institute of Banker* — march, 1900).

Inicialmente, foi na zona estratégica do Iran e Mesopotâmia que começa-

CANAL DE SUEZ

MAPA ORGANIZADO POR
THEREZINHA DE CASTRO
1974

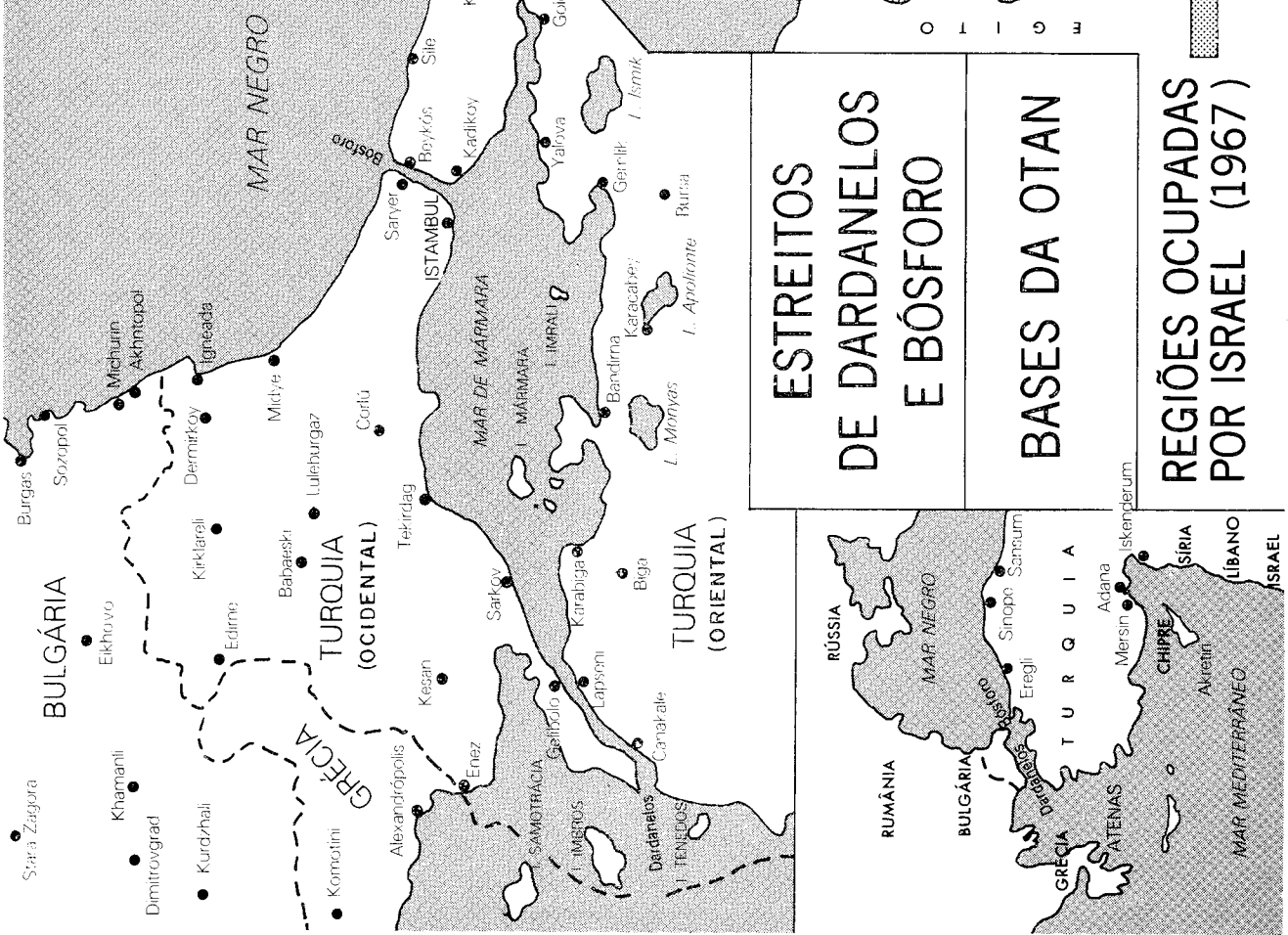
Duvidé/D—pms/



ESTREITOS DE DARDANÉLOS E BÓSFORO

BASES DA OTAN

REGIÕES OCUPADAS POR ISRAEL (1967)



ram a se chocar as políticas petrolíferas dos grandes países; política petrolífera antecedida pelos ajustes financeiros de grupos econômicos interessados em empreendimentos ferroviários.

O centro inicial de interesse foi a concessão, para uma sociedade alemã, da construção de uma rede ferroviária com mais de 4.000 km, cujo tronco principal devia ligar a Anatólia (Ankara e Koniah) ao golfo Pérsico, via Mesopotâmia. O acordo feito a 5 de março de 1903, com o então existente Império Otomano, dava a *Companhia da Estrada de Ferro de Bagdad* o direito de explorar as minas que se encontrassem numa faixa de 30 km situada nas duas margens da ferrovia. Ao empreendimento iria se opor a França, já que a mesma iria atender aos interesses políticos da Rússia, cujo sonho, desde Catarina II fora o de chegar ao Mediterrâneo.

A Rússia não se daria por vencida; assim conseguia que a antiga Pérsia (atual Iran) fosse dividida em zonas de influência econômica, a 31 de agosto de 1907, pelo *Acordo Anglo-Russo*. Estabelecia o referido ajuste que ficaria sob influência russa a parte norte do território persa até Isfahan, enquanto os ingleses ficariam com o sudeste, ou seja, o Seistão; uma zona neutra seria estabelecida da região central do país até o golfo Pérsico. Em suas respectivas zonas de influência, poderiam os governos russo e inglês obter concessões para a construção de ferrovias, rodovias, linhas telegráficas e estabelecimentos bancários; na zona neutra, tanto a Inglaterra como a Rússia poderiam obter concessões em conjunto, caso o governo persa estivesse de acordo. Se o governo persa não conseguisse pagar os juros dos empréstimos contratados para tais melhorias, caberia então à Rússia e Inglaterra estabelecer um controle sobre as rendas aduaneiras do país, a fim de abater a dívida. No entanto, a despeito dessa zona neutra para evitar possíveis choques de interesses, haveria tanto no lado inglês, como no russo, preocupações de ordem político-estratégicas. A Inglaterra, por exemplo, não interessava uma ferrovia que de Teheran atingisse o golfo Pérsico, visto que uma base naval russa neste local constituir-se-ia numa séria ameaça para a segurança da Índia. Ao lado desse fato, e ante as críticas da opinião pública inglesa sobre a pobreza dos recursos econômicos do Seistão, o acordo foi mesmo assim mantido, tendo em vista a função estratégica, que era, na realidade, a de

assegurar os interesses vitais dos ingleses na salvaguarda de sua própria posição na Índia.

Assim, no âmbito do atual mundo árabe e muçulmano, os interesses econômicos e financeiros permaneceram e permanecem a serviço da ação política.

Aos poucos, porém, os interesses ferroviários foram sendo ultrapassados pelos *interesses petrolíferos*. Isto porque o petróleo transformou-se na fonte de energia indispensável, ao substituir progressivamente o carvão, por ser não só mais barato, como mais fácil de transportar. Ainda durante a Primeira Guerra Mundial, o carvão era o combustível básico para mobilizar as frentes de combate. Com o desenvolvimento da aviação e tanques do exército, o obsoleto coque foi substituído por combustíveis líquidos; do óleo diesel do carvão, que marcou a primeira etapa, chegou-se ao petróleo, bem mais eficaz para assegurar o funcionamento dos motores, das fábricas industriais, dos aviões, dos automóveis, etc. O petróleo passou, então, a não temer a concorrência de outros combustíveis. Nem mesmo o carvão, que retrocedeu sempre como seu competidor genuíno nos mercados energéticos; com exceção da China, que, tendo grandes reservas carboníferas, só consome 18,2 litros de petróleo por cabeça, o resto do mundo atinge uma faixa comparada de 2.727 litros. Com relação à energia nuclear, bem mais cara, falta-lhe muito, ainda, para que possa a vir a desafiar o "ouro negro". Por outro lado, com o desenvolvimento da petroquímica, o petróleo transformou-se na matéria-prima básica para a elaboração de vasta lista de produtos.

Num estudo feito pelo Clube de Roma, em 1973, que reuniu cientistas de todo o mundo, chegou-se à conclusão de que com o aumento da população e o crescente uso *per capita* dos recursos naturais, as reservas fundamentais conhecidas, não renováveis, estão seriamente ameaçadas. Daí, o que preocupa o mundo com relação ao petróleo, é que, com as taxas atuais de consumo, as reservas só atenderão às demandas até mais ou menos o ano 2.000. Os aumentos anuais do consumo mundial são tão grandes que, na década 1970-80, todas as nações deverão consumir tanto petróleo quanto o que foi consumido de 1870 a 1970, portanto, num século. Apesar dessa demanda, o abastecimento de gás natural e petróleo, que cobrem mais de 70% desta necessidade de energia, não vem seguindo o ritmo adequado; isto porque o chamado "*petróleo fácil*" encontra-se com

suas reservas bastante esgotadas, enquanto os incentivos à produção vêm sendo insuficientes para animar as Companhias Petrolíferas a exportar o “*petróleo difícil*” das plataformas submarinas, xistos betuminosos, areias do Canadá e asfalto da Venezuela.

Pelo quadro que se segue, observamos que, excetuando-se os Estados Unidos e Rússia, as atuais zonas produtoras, em proporção comercialmente apreciáveis, estão adstritas ao Oriente Médio, África do Norte e Venezuela. Os demais países ou não possuem o petróleo ou têm uma produção marginal limitada.

MÉDIA DE BARRIS DIÁRIOS

País	1970
Estados Unidos	9.525.000
Rússia	6.580.000
Iran	3.880.000
Líbia	3.763.900
Venezuela	3.699.000
Arábia Saudita	3.330.000
Kuwait	2.699.000
Iraque	1.550.000
Canadá	1.224.749
Argélia	976.500
Indonésia	947.800
México	410.110
Katar	363.900

Fonte: *Petroleum Encyclopedia* — 1971

Podemos, por outro lado, destacar que não são a Rússia e Estados Unidos os exportadores de petróleo, por excelência; 85% das exportações totais do produto provêm do mundo árabe-muçulmano.

PRODUÇÃO DE PETRÓLEO EM 1970 (EM MILHÕES DE TONELADAS MÉTRICAS)

ORIENTE MÉDIO

Iran	190,0
Arábia Saudita	175,0
Kuwait	138,0
Iraque	75,6
Abu Dhabi	32,8
Katar	17,0
Zona Neutra	27,0
Outros	56,5
Total	711,9

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos	534,0
Canadá	69,5
México	22,0
Total	625,5

PRODUÇÃO DE PETRÓLEO EM 1970 (EM MILHÕES DE TONELADAS MÉTRICAS)

ZONA DO CARIBE

Venezuela	193,0
Colômbia	11,0
Trinidad-Tobago	7,0
Total	211,0

ÁFRICA DO NORTE

Líbia	159,0
Argélia	46,4
Outros	4,1
Total	209,5

EXTREMO ORIENTE

Indonésia	45,0
Outros	24,9
Total	69,9

ÁFRICA OCIDENTAL

Nigéria	53,0
Outros	9,6
Total	62,6

AMÉRICA DO SUL

Argentina	20,0
Brasil	8,3
Outros	6,1
Total	34,4

Europa Ocidental (vários)

	16,3
--	------

União Soviética e Europa Oriental	353,0
China	39,6

Estando o “petróleo fácil” limitado a certas áreas, e tendo em vista a grande rentabilidade de sua exploração, o mundo árabe-muçulmano, em especial, tornar-se-ia o palco de luta entre grandes consórcios para a obtenção das principais jazidas. A indústria petrolífera transformou-se então no negócio mais integrado do mundo, indo desde os poços, passando pelas refinarias, oleodutos, petroleiros, até os diferentes mercados. As companhias de petróleo internacionais passaram a ser como jogadores que ganham sempre; operando em especial na Venezuela, Oriente Médio e África do Norte recuperaram, com seus lucros, várias vezes o capital investido. Em sua autobiografia intitulada *Nous le Gulbenkian-les Aventures Dorées du Pétrole* — Paris, 1965, na página 219, conta Nubar Gulbenkian, o famoso armênio das concessões petrolíferas que: “entre 1914 e 1953, o montante dos capitais colocados pelos Gulbenkian no Oriente Médio oscilaram sempre entre 500.000 e 1.000.000 de libras esterlinas”; confessa, em seguida, que estas inversões

produziram anualmente de 5 a 6 milhões de libras e que “os grupos petrolíferos acusaram, evidentemente, o mesmo aumento relativo que os 5% dos Gulbenkian”.

Aproximadamente 63% das reservas petrolíferas estão localizadas no Oriente Médio; nesta região, as mais ricas nações em petróleo como a Arábia Saudita, Kuwait, Abu-Dhabi e Katar formam sociedades no mais estrito regime feudal. Faltando-lhes o capital, esses e outros ditos “gigantes do petróleo”, viram-se obrigados a compartilhar os negócios com companhias estrangeiras.

Em 1919, dois grupos petrolíferos mais importantes — a “Standar Oil” dos Estados Unidos (ESSO) e a “Royal Dutch” (SHELL), companhia anglo-holandesa, entraram em competição no Oriente Médio. Hoje, além dessas duas e de várias outras, encontram-se explorando o petróleo a “British Petroleum”, a “Texaco”, a “Standard Oil of California”, a “Gulf” e a “Mobil”. São sete gigantescas empresas que, juntas, totalizaram, a partir de 1952, 90% da produção mundial.

Em 1960 foram descobertas as jazidas promissoras da Líbia, tendo início também, coincidentemente, a chamada *política petrolífera nacionalista*. Entre os dias 10 e 14 de setembro do referido ano reuniram-se em Bagdad os representantes dos governos do Iran, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela; nesse encontro histórico cimentaram-se *as bases da OPEP* (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), que passou a se opor a cartelização dos consórcios internacionais, levando as nações produtoras a fixar o preço do combustível. Os Consórcios tiveram que ceder, e pelos Acordos firmados em Teheran, em 1970, foram aumentados os impostos sobre o produto de 50 a 55%; os preços de referência foram também acrescidos em 35 centavos de dólar por barril, com a previsão de um aumento anual de 11% até 1975. O Xá do Iran, convertido, então, no porta-voz extra-oficial do grupo de nações produtoras, chegou a advertir às empresas que, se não atendessem às reivindicações, seriam suspensas as suas atividades, indo-se até a uma possível nacionalização. Sabendo-se que o petróleo está se esgotando num ritmo muito mais rápido que o das demais fontes de energia, os preços cada vez mais altos são sintomas do desequilíbrio entre as

fontes potenciais e a utilização do produto.

No entanto, o *boicote do petróleo* iniciado em fins de 1973, imposto pelo mundo árabe-muçulmano a fim de obter compensações contra Israel durante o cessar fogo na Guerra do Yom Kippur, mostrou que o mundo, de um modo geral, sob o ponto de vista energético, se encontra ainda na dependência dessa região. O racionamento que a Europa Ocidental teve que fazer em função de sua dependência dos 75% do produto petrolífero, e a neutralidade japonesa, cuja dependência se eleva a 91%, bem demonstram o fato.

As restrições impostas pelos árabes ao petróleo conseguiram mudar as perspectivas econômicas do Japão, fazendo com que suas reservas baixassem de 20 bilhões de dólares, no início de 1973, para 13 bilhões. A crise do desemprego atingiu a Inglaterra, abrindo perspectivas novas à imigração inglesa para a Austrália, em busca de novos horizontes. Por sua vez, os Estados Unidos, que só dependem do Oriente Médio para uma pequena parte de seu grande consumo de petróleo, têm também sofrido os reflexos desse boicote. As altas e baixas nas economias do Japão, Alemanha Ocidental, Inglaterra, França e Canadá que comerciam com os Estados Unidos pesam, como é natural, na prosperidade desse país.

Além de haver reduzido os embarques, e com isto *afetado o comércio internacional*, a escassez do petróleo está tornando as trocas mais morosas, já que as linhas de navegação ordenaram a redução dos nós por hora, a fim de economizar o combustível. As companhias de aviação se viram igualmente prejudicadas, tendo que reduzir os seus números de vôos: enquanto isso, os caminhões enfrentam, além do engarrafamento nas estradas, os fretes reduzidos; isto porque os automóveis, na maioria dos países afetados pelo boicote, estão limitados à velocidade de 80 km por hora, para economizar gasolina e pelo mesmo motivo está proibido o grande fluxo de tráfego nos domingos.

O *Brasil*, além de maior importador de petróleo da América Latina, é o que mais depende para seu abastecimento dos países árabes. Em 1972, enquanto a nossa produção de petróleo cru era de 9.900.000 m³, só no primeiro semestre havíamos importado ..

14.715.521 m³. Os nossos principais fornecedores foram:

País	M ³
Arábia Saudita	7.008.350
Iraque	3.332.444
Iran	878.762
Kuwait	717.234
Líbia	660.000
Venezuela	581.696
Estados Neutros (Oriente Médio)	490.000
Síria	452.842
Bolívia	200.000
Egito	162.535
Trinidad-Tobago	152.534
Abu Dhabi	79.124

Fonte: *Vision* — Vol. 42 — n.º 4 — Dezembro de 1973

Como nossos provedores, a Síria e o Egito se constituem apenas em locais de embarque do petróleo. Quanto à Bolívia, além da exportação do petróleo, acerta com o Brasil a venda por 20 anos de 240 milhões de pés cúbicos de gás diários, já que é o maior exportador desse produto no continente. Já a Venezuela, que em 1973 exportou petróleo e produtos refinados para 27 países das Américas Central e do Sul, numa média de 1.253.077 barris diários, teve no México e Brasil seus principais compradores. Embora a nossa empresa estatal a PETROBRÁS tenha amplos programas e não tenhamos sido atingidos rigidamente pelo boicote árabe, o Brasil conta com a vantagem no setor da energia, com seus recursos hidráulicos.

As necessidades energéticas básicas do mundo ocidental, que na década de 1950 eram de 1 bilhão e 800 mil toneladas, atingiram, em 1970, a cifra dos

3 bilhões. Em função dessa dependência no momento, e da Guerra do Yom Kippur, notou-se que, se o mundo árabe não conseguiu se unir politicamente, pelo menos se mostrou coeso com relação ao seu “ouro negro”.

Por outro lado, diante de tal panorama político, e levando-se em conta que o “petróleo fácil” do mundo árabe tende a se esgotar, incentiva-se a exploração do “petróleo difícil” encontrado nas plataformas submarinas, nos xistos betuminosos ou areias petrolíferas do Canadá e no asfalto (petróleo pesado) da Venezuela. Os Estados Unidos, além dos seus xistos betuminosos do Colorado, sabem que podem contar, dentro de três anos, com os campos petrolíferos do Alaska, tendo, neste ano de 1974, descoberto também petróleo na Antártica. Já as esperanças da Inglaterra se encontram no mar do Norte.

Mas, se o petróleo sobrepuxou o carvão, este vem sendo cogitado outra vez como fonte de energia. Já é realidade a tecnologia para a obtenção do gás e combustível líquido do carvão, encontrando-se em marcha uma produção em pequena escala. Em dezembro de 1973, ante o boicote do mundo árabe, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma verba de 20 bilhões de dólares para investigações, a fim de que o país possa bastar-se a si mesmo, em matéria de energia. O programa de investigação inclui, além do uso do carvão, o da energia nuclear, solar e geotérmica, como o do possível uso do hidrogênio que é o gás mais abundante na Terra.

(março de 1974)

República do Haiti

THEREZINHA DE CASTRO
Geógrafa do IBGE

1 — Aspectos Geoeconômicos

Localizada na parte ocidental da ilha de S. Domingos, a República do Haiti apresenta-se com uma superfície de 27.844 km², equivalendo, pois, em área, ao nosso Estado de Alagoas (27.731 km²). Com sua vizinha, a República Dominicana, localizada na parte oriental da mesma ilha, faz o Haiti fronteira comum através de 234 km.

O litoral haitiano, num total de . . . 1.200 km, banhado ao norte pelo Atlântico e ao sul pelo mar do Caribe, apresenta no golfo de Gonaives sua grande reentrância entre os cabos de Foux e o de Dame Marie. Pertencem ao Haiti também as ilhas de Tortuga, Gonaives, Caiminite, Navassa e Vaches.

País montanhoso, Haiti em língua indígena significa terras altas. Suas cordilheiras, abrangendo $\frac{3}{4}$ partes do país, cortadas por profundas gargantas, são mais elevadas e abruptas que as da República Dominicana. O maciço do Norte encontra-se pouco afastado do litoral por planícies férteis, dentre as quais destaca-se a de Artibonite, banhada pelo rio do mesmo nome. Em seguida, ao planalto Central, estende-se do litoral para o interior a planície Cul-de-Sac, entre o lago Azuei e a baía de Port au Prince. Finalmente, erguem-se ao sul os maciços da Hotte (2.225 metros) e La Selle (2.715 metros), os mais altos do país, deixando pequenas áreas ocupadas por planícies litorâneas.

As zonas montanhosas do Haiti estão cobertas por exuberante vegetação, onde se destacam entre outras variedades o cedro, o mogno, o pinheiro, o ébano e o campeche. Enquanto os bosques ocupam 25,2% do território, suas

terras potencialmente produtivas se equivalem; no entanto, além das praias (18,1%), as terras cultivadas ocupam apenas 13,3%.

Plantado nas regiões mais altas, o café é o principal produto do país, seguindo-lhe o algodão, cana-de-açúcar e banana, cultivados nas planícies. A pecuária, na qual predomina o gado porcino é toda utilizada no consumo interno. O subsolo do Haiti é rico, mas pouco explorado; além da bauxita, que figura na balança das exportações ao lado do café e cana-de-açúcar, o país possui jazidas de cobre, ferro, enxofre, estanho, ouro e prata.

A indústria, bastante incipiente, se limita à atividade agrícola; assim enquanto os estabelecimentos têxteis de Port au Prince consomem a produção local de algodão, em Les Cayes e Jeremie encontram-se os centros principais de refinação do açúcar e fabricação do rum.

Situado na zona tórrida, o Haiti tem seu clima amenizado pelo mar, fazendo com que não se torne extremamente quente, e dando-lhe boas precipitações. Assim, enquanto as suas precipitações anuais são de 1.151 milímetros, em janeiro, sua temperatura média é de 26,8 °C. e a de junho 30,2 °C.

Sua população, estimada, em 1968, em 4.700.000 habitantes, dá ao país a categoria de maior densidade na América Central, com 127 hab./km²; ocupando preferentemente as zonas rurais (85%). A maioria é negra (90%), tendo também importância a minoria formada pelos mulatos (cerca de 2.000 pessoas). Os 15% que vivem nas cidades se distribuem pelos principais núcleos urbanos do país.

À semelhança da França, o Haiti, sob o ponto de vista administrativo divide-se em Departamentos, num total de cinco.

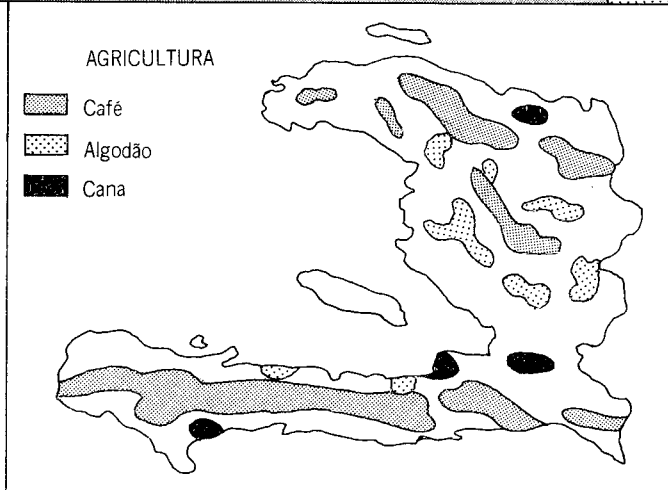
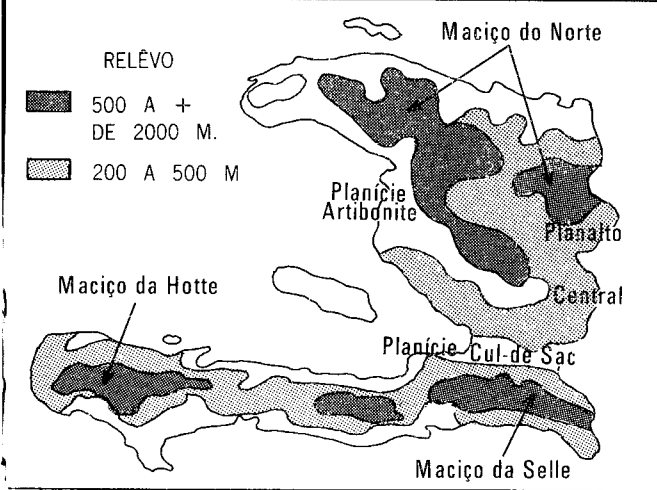
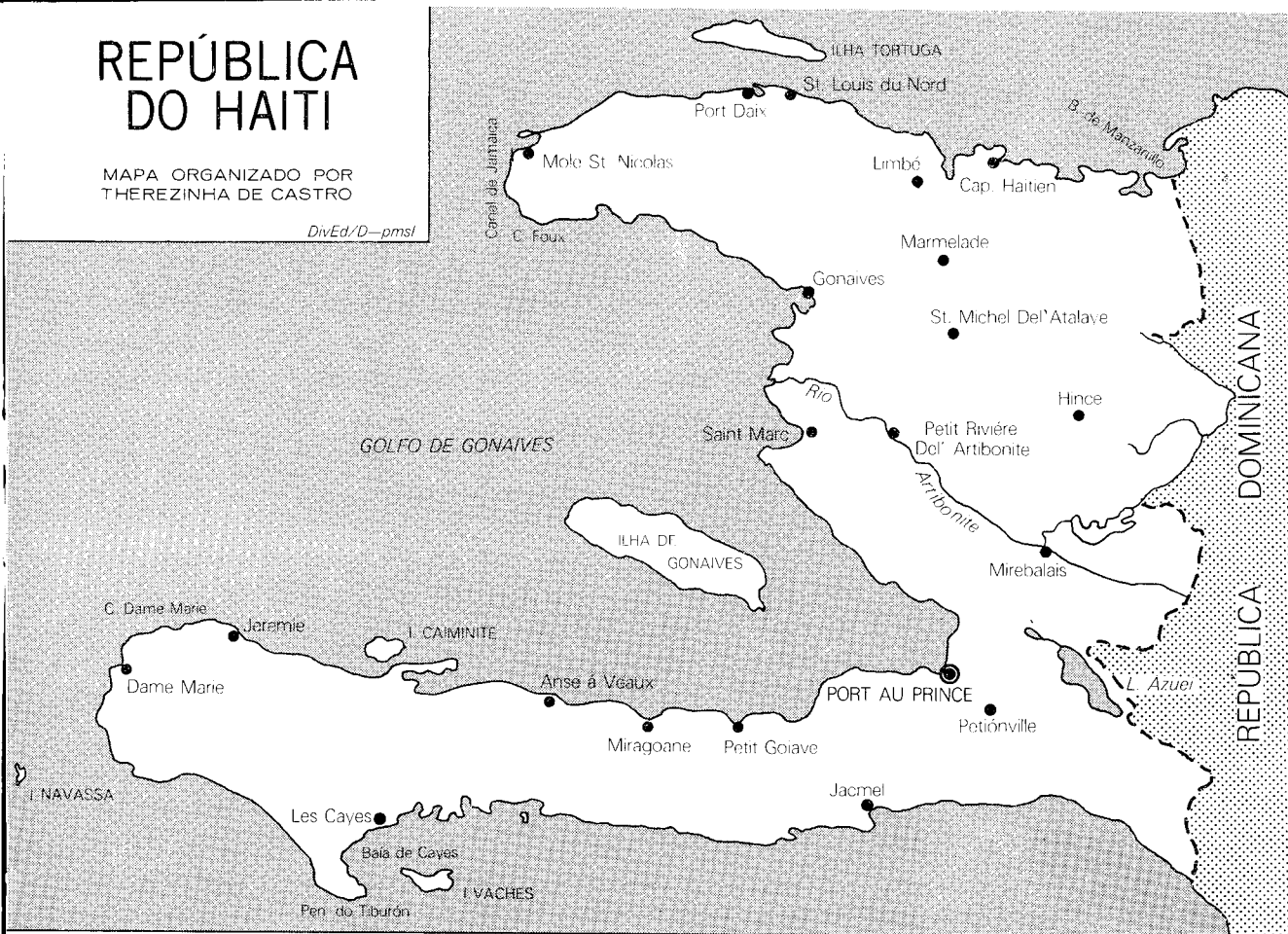
A capital do país, Port au Prince (250.000 habitantes) encontra-se no Departamento do Oeste. Localizada ao fundo da baía do mesmo nome, a cidade foi fundada em 1749 com o nome de L'Hopital e, antes da denominação atual, foi sucessivamente chamada Port aux Crimes e Port Republicain. Além de principal porto local, encontra-se nas proximidades da capital haitiana o aeroporto de Mais Gate, ponto de escala de linhas aéreas que unem as Américas do Norte e Sul. As ruas retas e praças espaçosas de Port au Prince se caracterizam por suas numerosas construções de madeira.

O Departamento do Norte tem em Cap Haitien (30.000 habitantes) sua capital. Antiga capital da colônia, por sua beleza singela foi cognominada

REPÚBLICA DO HAITI

MAPA ORGANIZADO POR
THEREZINHA DE CASTRO

DivEd/D-pmsf



“Paris do Haiti”. Situada em zona baixa e pantanosa, é o principal porto exportador do café produzido no país. O *Departamento do Sul* apresenta *Les Cayes* (14.000 habitantes) como capital; porto movimentado no litoral do Caribe, protegido pela península do Tiburón, é também um dos centros agrícolas mais ricos das ilhas. O *Departamento de Artibonites* tem *Gonaïves* (14.000 habitantes) como capital; tem importância histórica, pois foi aí que, a 1.º de janeiro de 1804, foi proclamada a independência do país. O *Departamento do Nordeste* tem como capital *Port Paix* (6.500 habitantes), local onde se estabeleceu o primeiro núcleo colonial francês na ilha de S. Domingos (1665); zona de ricas águas minerais, foi visitada por Colombo que a denominou Valle del Paraíso, em virtude de suas belezas naturais.

2 — Formação Histórica

A 5 de dezembro de 1492 chegava *Cristóvão Colombo* à ilha de S. Domingos, dando-lhe o nome de *La Española*. Constituiu-se a ilha, de início, uma das cabeças de ponte para a conquista do continente pelos espanhóis; sua importância foi porém decaindo à medida que os colonizadores localizaram as minas de ouro e prata no México e Peru. Nessa época, enquanto os espanhóis ocupavam preferentemente a parte oriental da ilha, nos territórios da atual República Dominicana, a região ocidental correspondente ao Haiti recebia pouca atenção dos colonos, por ser de mais difícil acesso.

Assim, quase que desabitada, essa zona ocidental passaria a ser visitada por *piratas e filibusteiros*, no século XVI. Com as guerras franco-espanholas do século XVII a pirataria se intensificou; em 1625, o normando *D'Enembuc* ocupou a *ilha de Tortuga*, dando origem à *colonização francesa no Haiti*. Na ilha Tortuga foram construídos fortes com os melhores canhões da época, iniciou-se a cultura da cana e foi montado o primeiro engenho local.

Em 1654, comissionado pelo então governador *Juán de Montemayor*, de S. Domingos, o *Capitão Gabriel de Rojas expulsou os franceses de Tortuga*. No entanto, a ilha seria retomada em 1660 pelo *Capitão Du-Rausset*; para melhor se defenderem, passavam-se os franceses para a parte ocidental da ilha de S. Domingos, colocando-a sob proteção da França. A legalização do feito só foi ratificada em 1697, pelo *Tratado de Ryswick*, documento oficial que *lançava os alicerces do futuro Es-*

tado do Haiti. Um século depois, em 1795, pela *Paz de Basileia*, os franceses tornavam-se senhores de toda a ilha de S. Domingos.

O século XIX seria marcado por sublevações, tanto na parte francesa quanto na outra parte que permaneceria com a cultura espanhola, *em prol da independência*.

O movimento teve início no Haiti, onde os negros introduzidos como escravos subrepujavam a população branca. Assim, dirigidos por *Toussaint Louverture*, os escravos negros se revoltaram (1801), enquanto Napoleão Bonaparte enviara o General Leclerc para detê-los. No entanto, nova revolta seria levada a efeito por *Jacques Dessalines* que, a 1.º de janeiro de 1804, proclamava, em Gonaïves, a independência do Haiti, valendo-se das dificuldades de Napoleão na Europa, tendo que enfrentar na época a Inglaterra.

Feito imperador sob o nome de *Jacques I*, Desalines seria assassinado em 1806; a parte ocidental da ilha se dividia, ficando o norte como monarquia e o sul republicano. Caberia a *Jean Pierre Boyer* unir o Haiti, lançando em seguida as suas tropas contra a parte oriental da ilha, conseguindo, a despeito de sua população branca de origem hispânica, subjugar-la por um período de vinte anos. Durante o governo de Boyer, reconhecia a França e independência do Haiti (1825).

A anexação da parte oriental da ilha fora, em parte, motivada pelos desordenados movimentos de independência, como também pelo fato de José Nuñez Cáceres, líder local, ter planejado incorporar a zona de cultura espanhola na ilha, a Gran Colômbia, idealizada por Bolívar. No entanto, após a queda de Boyer, os distritos orientais da ilha se sublevaram. Em 27 de fevereiro de 1844, três próceres dominicanos — Juan Pablo Duarte, Francisco del Rosário Sanchez e Ramón Matias Mella separavam a parte oriental, estabelecendo nela a República Dominicana.

A *instabilidade* caracterizaria tanto o Haiti como a sua vizinha, a República Dominicana; assim, esta última seria *ocupada pelos Estados Unidos*, de 1916 a 1924.

As constantes lutas políticas, governos ditatoriais e assassinatos, levaram também os Estados Unidos a ocuparem militarmente o Haiti (1915). Após procederem à reorganização da república, Franklin Roosevelt combinou o *término da intervenção*, desocupando o país a 21 de agosto de 1934.

Sucederam-se novos governos ditatoriais, enquanto *François Duvalier*, no poder desde 1957, elegia-se em 1961,

proclamando-se três anos depois *presidente vitalício*. Duvalier, o poder negro do Haiti era, além de ditador político, também sacerdote do vodu, culto fetichista, levado da África pelos antigos escravos. Os “tonton macoute” formavam a sua guarda negra que, em troca do apoio, tinha o direito de cobrar impostos. A população do Haiti, formada em sua maior parte por camponeses analfabetos, vivendo esparços, era facilmente manobrada pelo “Papá Doc”, abreviatura de Papá Docteur, lembrando os tempos em que Duvalier exercia a medicina.

Morto o “Papá Doc”, sucedia-lhe o filho na presidência vitalícia — *Jean Claude Duvalier* (22 de abril de 1971). Reduzindo o poder dos “tonton macoute”, conseguiu Jean Claude Duvalier superar uma crise que ameaçava o seu governo, tendo em vista o apareci-

mento de duas facções. A primeira, liderada por Denise e o Coronel Max Dominique, irmã e cunhado do novo governante, exigindo a rápida liberalização do regime no Haiti. A segunda facção era chefiada pelo Coronel Luckner Cambronne e Simone, mãe de Jean Claude, favoráveis a uma liberalização progressiva. Apoiando esta última facção, Jean Claude firmava-se no poder, enquanto o casal Dominique era forçado a embarcar para Paris.

Procurou ainda Jean Claude aproximar-se dos Estados Unidos, prometendo “combater o marxismo ateu”; em agosto de 1972, chegam ao Haiti consultores e técnicos estadunidenses para ajudar na organização dos serviços aduaneiros e postais do país, como também para equipar uma unidade antiguerrilha.

(março de 1974)